

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PRODUÇÃO EDITORIAL

Luiza Machado Belizario e Tatiana Rodrigues Martins

**COISA DE GAROTA: PLATAFORMA HIPERMÍDIA DE TRUE
CRIME**

Santa Maria, RS
2021

Luiza Machado Belizario e Tatiana Rodrigues Martins

COISA DE GAROTA: PLATAFORMA HIPERMÍDIA DE TRUE CRIME

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sandra Dalcul Depexe

Santa Maria, RS
2021

Luiza Machado Belizario e Tatiana Rodrigues Martins

COISA DE GAROTA: PLATAFORMA HIPERMÍDIA DE TRUE CRIME

Relatório de Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Aprovadas em 28 de outubro de 2021:

Sandra Dalcul Depexe, Dr^a (UFSM)

(Orientadora)

Leandro Stevens, Prof. (UFSM)

Marina Judiele dos Santos Freitas, Mestranda (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer às nossas famílias, por nos apoiarem e nos darem suporte emocional quando mais precisamos. Muito obrigada por seus esforços em nos criarem, somos eternamente gratas. A nossa amiga Andressa, por nos apoiar e sempre estar à disposição para nos animar. Aos nossos pets, por nos dar alegria, amor e conforto. Queremos agradecer, em especial, à professora Sandra Depexe, por, em primeiro lugar, ter se disponibilizado em nos orientar e por ser paciente conosco durante a nossa trajetória final, sem sua ajuda não teríamos conseguido. Aos professores da FACOS, por compartilharem seus conhecimentos e experiência. Aos demais profissionais da instituição e colegas de aula na qual, juntos, adquirimos experiência que vamos levar para o resto de nossas vidas. Aos que infelizmente não estão mais aqui para acompanharem nossa conquista e a todos os demais, por nos apoiarem, mesmo que de longe, somos gratas por cada um e dedicamos o nosso trabalho a vocês.

RESUMO

COISA DE GAROTA: PLATAFORMA HIPERMÍDIA DE TRUE CRIME

AUTORAS: Luiza Machado Belizario e Tatiana Rodrigues Martins

ORIENTADORA: Sandra Dalcul Depexe

Resumo: O presente projeto experimental aborda o processo de criação de uma plataforma hipermídia de true crime intitulada de “Coisa de Garota”. Tal projeto tem como intuito ser uma plataforma, sobre mulheres e para mulheres, na qual reúne histórias de crimes reais cometidos por elas. Queremos abrir espaço para discutir questões de gênero e protagonismo feminino, incentivando a reflexão com os casos abordados na plataforma. Objetivos específicos: desmistificar a ideia de a mulher ser do gênero “fraco”, pensar suas trajetórias até o momento cometeram o crime, e conscientizarmos que tanto homens quanto mulheres precisam ser julgados por seus crimes, mas que nenhum pode se basear somente em seus gêneros. Para o projeto, abordamos os casos de Brenda Ann Spencer e Elizabeth Báthory por meio da plataforma Genial.ly.

Palavras-chave: Plataforma hipermídia. Mulheres. Crimes reais. Genial.ly. Brenda Ann Spencer. Elizabeth Báthory

ABSTRACT

GIRL'S THING: TRUE CRIME HYPERMEDIA PLATFORM

AUTHORS: Luiza Machado Belizario e Tatiana Rodrigues Martins

ADVISOR: Sandra Dalcil Depexe

Abstract: The experimental project approaches the process of the creation of a true crime hypermedia platform named “Girl’s thing”. The purpose of this project is to be a platform, about women for women, by gathering true crime stories committed by them. We want to make room to discuss gender issues and female protagonism, encouraging reflection about the cases in our platform. Specifics objectives: demystify the idea of women being the “weak” gender, think about their trajectories until they commit the crimes, aware that both men and women need to be judged for their crimes, but none can be based just on their genders. For this project, we’ll approach the cases of Brenda Ann Spencer and Elizabeth Báthory through the Genial.ly platform.

Keywords: Hypermedia platform. Women. True crime. Genial.ly. Brenda Ann Spencer. Elizabeth Báthory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Moodboard “Coisa de Garota”	15
Figura 2 - Moodboard Brenda Ann Spencer	17
Figura 3 - Moodboard Elizabeth Báthory.....	17
Figura 4 - Canva	18
Figura 5 - Personas	19
Figura 6 - Genial.ly	21
Figura 7 - Conjunto de cores no Adobe Color.....	22
Figura 8 - Adobe color, aba "Ferramenta de acessibilidade”	22
Figura 9 - Início “Coisa de garota”	23
Figura 10 - “Coisa de garota” conteúdo disponível	23
Figura 11 - Exemplo página do podcast Coisa de Garota sobre o caso de Brenda Ann Spencer	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. MULHERES E CRIMES.....	12
3. COISA DE GAROTA	15
3.1 Público.....	18
3.2 Genil.ly	19
3.3 Projeto gráfico.....	21
3.4 Conteúdos	24
3.4.1 Caso Brenda Ann Spencer	24
3.4.2 Caso Elizabeth Báthory	26
3.5 Podcasts	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
APÊNDICE A - Texto genial.ly caso Brenda Ann Spencer.....	34
APÊNDICE B - Roteiro podcast caso Brenda Ann Spencer	35
APÊNDICE C - Caso Elizabeth Báthory.....	47
APÊNDICE D - Roteiro podcast caso Elizabeth Báthory	48

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto experimental “Coisa de Garota” é uma plataforma hipermídia que armazena histórias de “True Crime¹”, cometidos por mulheres. Histórias como a de Elize Matsunaga e de Suzane Von Richthofen² são exemplos de casos brasileiros os quais duas mulheres, que pareciam ser “inofensivas”, tornaram-se bastante conhecidas por terem assassinado respectivamente esposo e pais. Ao cometerem tais assassinatos, essas mulheres passaram a ser “monstros” e não mais mulheres. Afinal, não é considerado da natureza humana matar, como veremos adiante.

Recentemente, um novo caso de crime cometido por uma mulher ganhou destaque nos noticiários³ do estado do Rio Grande do Sul. Uma mulher teria assassinado e jogado o corpo de seu filho em um rio. A partir daí, não foi difícil encontrar e ouvir comentários de pessoas dizendo que “uma mãe matar o próprio filho não é certo”. De fato, não é certo. Mas não apenas porque ela é a mãe dele. Independentemente de quem for, tirar a vida de alguém não é certo. É neste ponto que queremos discutir. Para muitos, um crime cometido por uma mulher é muito mais horrendo do que um crime cometido por um homem. A mulher, geralmente, é vista como a vítima, o ser frágil que, quando comete um crime, passa a ser vista como um monstro e deixa de existir em seu papel como filha, mãe, avó e mulher.

Segundo Neves (2019) em meados de 2014, o gênero “True crime” ganhou popularidade. O podcast⁴ de jornalismo investigativo chamado “Serial”, que possuía como gênero o true crime, expôs um crime cometido nos EUA em estilo storytelling e foi dividido em alguns episódios. Após o seu sucesso, outros podcasts declarando-se com o mesmo gênero começaram a surgir. No Brasil, Frutuoso e Marques (2021) apontam que entre 16 podcasts de True Crime, 12 foram criados e produzidos por mulheres.

¹ Para Morte (2019), “True crime”, em uma livre tradução, é um gênero de documentário sobre crimes reais, com o objetivo de caracterizar e verificar de que modo ocorrem os crimes. É um gênero cada vez mais presente em diferentes plataformas e que chama a atenção do público e da crítica.

² Conforme uma matéria do G1 em 2016, Elize foi condenada a 19 anos, 11 meses e 1 dia por assassinar seu marido em 2012.

Segundo Lima e Bertoni, para JusBrasil, Suzane Richthofen foi considerada culpada pela morte de seus pais ocorrida em 2002 e condenada a 39 anos de prisão.

³ De acordo com uma matéria do G1, Yasmin Vaz dos Santos Rodrigues e Bruna Nethiele Porto da Rosa foram presas após serem denunciadas por homicídio triplamente qualificado, tortura e ocultação de cadáver. O filho de Yasmin, Miguel dos Santos Rodrigues (de 7 anos), é a vítima desaparecida desde 29 de julho.

⁴ Segundo Louback (2019) para TechTudo, são: “... programas de áudio sob demanda, e o ouvinte pode escutá-los na hora que quiser, ao contrário dos programas de rádio tradicionais.”.

Os principais consumidores deste tipo de conteúdo são as mulheres. De acordo com a psicóloga forense Juliana Barbosa e Silva, para Frutuoso e Marques (2012), as mulheres se interessam por este tipo de gênero pois podem adquirir conhecimento sobre a sua própria segurança com as histórias, uma vez que, em sua maioria, as mulheres são as principais vítimas.

Em seu livro “Mulheres que matam: Universo imaginário do crime no feminino”, Rosemary de Oliveira Almeida declara:

Parto da hipótese de que a mulher não é só vítima dos maus-tratos que sofre dos pais, dos companheiros e de toda uma rede de discriminação histórica que oficialmente tenta traçar o perfil feminino dócil, frágil, passivo e tantas outras qualificações. A mulher carrega em si, também, histórias de violência que englobam crimes cometidos por ela em diferentes épocas e de variadas formas. Seus delitos não estão isolados de uma série de relações familiares e de vizinhança, de relações de trabalho e cotidianas, bem como de representações históricas e jurídicas que se construíram em torno da imagem feminina. Quando comete crimes, não raras vezes, passa despercebida pelo imaginário social e pelo mundo jurídico, como agente capaz de arquitetá-los e praticá-los. Que mulher? Que crimes? Não é comum nas ruas, nos jornais ou no mundo acadêmico ouvir debates, notícias ou pesquisas sobre mulheres assassinas. Não é comum, também, no campo jurídico, ouvir relatos de mulheres assassinas. É mais comum ouvir relatos sobre mulheres assassinadas. Ao insistir, através de pesquisa, é que se pode adquirir algum depoimento e perceber que, na visão dos operadores do Direito, por ser pouco comum o homicídio praticado pela mulher, ele se torna quase invisível. Estudando mais os fatos, pode-se conceber que se trata de uma invisibilidade construída pela história das mulheres que sempre estiveram à margem do espaço público, logo, também do crime, já que este é uma ação pública, pois é objeto de ação penal pública. (ALMEIDA, 2001, p.13)

Pensamos em criar um conteúdo que fosse para mulheres sobre mulheres e que abordasse o “true crime”. Mas gostaríamos de nos diferenciarmos daqueles já existentes. Por consumirmos conteúdos com gênero de suspense, terror, criminal, pensamos em criar um conteúdo que também abordasse tais gêneros. Pensamos em criar, primeiramente, algum livro ou revista física. Mas em decorrência do tempo e do orçamento, decidimos focar em um produto digital. Assim, poderíamos abordar os gêneros que gostamos e fazer um produto que conseguíssemos executar no tempo previsto, dentro do orçamento e que fosse digital.

Entre as diversas formas que podíamos produzir e compartilhar o nosso projeto, que será explicado detalhadamente ao longo do nosso relatório, decidimos executá-lo por meio de um minisite. De acordo com Gabriel (2010),:

São sites criados para conteúdos verticais, abordando de forma detalhada um tema restrito, enfocados em atrair um público específico. O “tom” dos conteúdos de um minissite é essencialmente informativo. Minissites são normalmente usados como partes de sites ou portais, podendo muitas vezes ter design diferenciado e abrir em uma janela menor. (GABRIEL, 2010, p.122)

Durante a etapa de pesquisa sobre produtos já existentes com o gênero true crime, percebemos que a maioria destes produtos se referem a crimes cometidos por homens. Dessa forma, pensamos em criar conteúdos que tratassem de crimes reais, mas que fossem cometidos por mulheres, para preencher tal lacuna. Queremos destacar que a violência não é proveniente de um gênero em específico, e que devemos responsabilizar seus agressores por seus atos e não por seus gêneros.

Este projeto experimental, tem como propósito criar o protótipo do “Coisa de Garota”: uma plataforma hipermídia de fácil acesso que reúne conteúdos sobre crimes reais cometidos por mulheres para mulheres que gostam de consumir tal gênero. Nosso objetivo geral é trazer à tona uma discussão sobre gênero e o protagonismo feminino através de casos de true crimes, incentivando a reflexão dos casos que serão abordados. Objetivos específicos: desmistificar a ideia de a mulher ser do gênero “fraco”, gentil e carinhoso, pensamento que ainda é frequente em nossa sociedade, pensar suas trajetórias até o momento em que esses crimes aconteceram, que tipo de circunstâncias as levaram agir dessa forma. E, desta forma, conscientizarmos que tanto homens quanto mulheres precisam ser julgados por seus crimes, mas que nenhum pode se basear somente em seus gêneros. Para a metodologia, nos embasamos na criação de personas para pensar o público-alvo e elaboramos um moodboard para ter uma visão ampla sobre o assunto e inspiração para a concepção gráfica e digital. Além disso, foram realizadas pesquisas que nos auxiliassem a compreender melhor cada caso para que pudéssemos abordar no nosso produto hipermídia. A escolha do caso que produzimos se deu principalmente pela familiaridade da história, do tempo e da notoriedade do caso em si. Para a realização do projeto experimental, foram escolhidos dois casos: o de Brenda Ann Spencer e o de Elizabeth Báthory, e outros dois foram elencados para dar a continuidade do projeto caso fosse necessário, os casos Fera da Penha e Nannie Doss. O projeto não se limitaria apenas a estes casos, podendo ser adicionado outras histórias. No processo de desenvolvimento, primeiro, ocorreu a pesquisa de história do gênero, depois a construção do público, escolha da plataforma, criação do projeto gráfico, criação do texto e publicação.

O presente relatório abordará o processo de construção do nosso produto hipermídia. De forma que será descrito as escolhas de elementos para que pudéssemos

passar a “mensagem” que gostaríamos ao nosso público, nossas dificuldades e facilidades em realizá-lo.

2. MULHERES E CRIMES

Para compreender as facetas que se implicam ao gênero true crime, especialmente em relação às mulheres, é preciso levantarmos algumas pistas sobre as formas como homens e mulheres são construídos socialmente. Em seu livro “Tempos Diferentes, Discursos Iguais: A Construção do Corpo Feminino na História”, Ana Maria Colling aborda a construção da história como androcêntrica, dando aos homens o poder de definir a mulher de forma que lhes fosse conveniente. Segundo a pesquisadora,

A história das mulheres é uma história recente, porque, desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes, escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres desenvolveu-se à sua margem. Ao descreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis. Responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino. Este universalismo que hierarquizou a diferença entre os sexos, transformando-a em desigualdade, mascarou o privilégio do modelo masculino sob a pretensa neutralidade sexual dos sujeitos. (COLLING, 2014, p.13)

No grego antigo, “andro” significa homem. Desta forma, uma visão de mundo “androcêntrica” refere-se ao homem como centro dos acontecimentos. Sendo assim, o protagonista da história, já a mulher é apenas coadjuvante que deve servir aos interesses do protagonista. Isto, quando a mulher não é tratada como uma vilã, pronta para desviar o mocinho do caminho correto. Ou até, uma donzela a ser salva das garras de um vilão, o qual, é claro, ela provocou o interesse.

Como forma de afirmarem-se, os homens, ao subjugarem as mulheres, as culpavam e as puniam caso elas contrariassem a sua imagem. Ramos (2011, np) diz que: “a vida da mulher tem sido construída ao longo de séculos como menos valiosa que a vida e a honra dos homens. E como essa construção propiciou a “legitimação” do direito concedido aos homens de assassinar suas companheiras ou ex-companheiras.”

Ela ainda diz:

A honra masculina é um enunciado que parece não mais fazer parte dos discursos proferidos em nossa cultura. Seu significado e uso parecem fazer parte de um passado longínquo, como se fosse algo que não estivesse de acordo com os arranjos feitos pelas relações de gênero atuais. Porém, o que se tem visto, hoje em dia, é o uso indiscriminado desse enunciado para justificar e ainda banalizar atitudes violentas dos homens contra as mulheres. (RAMOS, 2011, np)

No que diz respeito às bibliografias sobre criminologia, sua imensa maioria é do ponto de vista masculino e, muitas vezes, sequer aborda as histórias de mulheres assassinas. Em um artigo publicado no jornal El País, a jornalista Katherine Quarmby cita um crescente aumento no número de mulheres assassinas. No entanto, como nem sempre a mulher foi vista como capaz de cometer um assassinato, não se sabe o quanto este número aumentou ao longo do tempo. A jornalista ainda aborda a criação de estereótipos por parte da mídia para caracterizar assassinas, como é o caso de Aileen Wuornos, o “monstro assassino”.

Assim como explica a pesquisadora Jéssica Veleda Quevedo (2018), em seu artigo “O monstro que há nela: breve análise biopsicosocial do perfil de assassinas em série do sexo feminino”, a representação midiática de assassinos em série é vista de modo positivo por parte do público. Isto porque, os assassinos da ficção, como Hannibal, são muitas vezes tratados como anti-heróis. Apesar de cometerem crimes, há um modo deturpado de moral por trás de seus atos, o que faz com que o público possa se conectar com eles. Já quando mulheres são representadas, a pesquisadora explica que “personagens do sexo feminino que cometem os mesmos crimes são relegadas ao ostracismo, caracterizadas como monstros que rompem com os padrões requeridos por sua feminilidade.” (QUEVEDO, 2018, np).

Ainda, Ana Maria Colling (2014) aponta que a criação social da mulher perpetrada ao longo dos tempos possui a função de separar esta do espaço público, relegando ela ao privado, o lar. Desta forma, as mulheres que tentam fugir ao papel social imposto a si são vistas como transgressoras, traidoras de sua natureza e monstros. Segundo a autora, no início dos anos 1980, teóricas feministas criaram o conceito de gênero de forma a denunciar a discriminação social contra as mulheres e “introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social” (COLLING, 2014, p. 17).

Para Ana Maria Colling, a construção do conceito de gênero possibilitou discussões sobre o papel atribuído à mulher pela “natureza”, pois:

Falar em gênero em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. Neste sentido, é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina. (COLLING, 2014, p. 29)

Desta forma, a caracterização da mulher assassina como uma “monstruosidade” se torna infundada. Visto que não há um comportamento natural que a mulher deva expressar na sociedade e qualquer tentativa de caracterizar ela como transgressora não passa de uma criação social perpetrada através dos tempos com base, muitas vezes, em fundamentalismo religiosos e sem comprovação científica.

Em seu artigo “Elizabeth Báthory - a true story”, a pesquisadora Aleksandra Bartosiewicz cita uma prática utilizada por Elizabeth I. A “Rainha Virgem”, como ficou conhecida por seus súditos, possuía o hábito de retirar linhas de cabelo de sua testa na intenção de passar uma imagem mais autoritária, mais “masculina”, por assim dizer (BARTOSIEWICZ, 2018). Teria se tornado a rainha virgem, para que pudesse governar um país. Não há espaço para sexualidade da mulher e respeito na mesma frase. Assim sendo, Elizabeth I teve de se tornar “assexuada”, a representação de uma virgem, para adquirir a simpatia do povo.

Ainda hoje em dia, a sexualidade da mulher é uma temática tabu. No entanto, no que diz respeito à sexualidade de assassinas, esta se torna uma característica a ser destacada. Segundo a jornalista Katherine Quarmby, “a sexualidade de uma mulher violenta é descrita como degenerada, e sua atração sexual - ou a ausência desta - será colocada em destaque” (QUARMBY, 2016, np). Todavia, em seu livro “Serial Killers: Anatomia do Mal”, Harold Schechter afirma que as mulheres assassinas “são menos depravadas que suas contrapartes masculinas”. O autor ainda descreve a relação sexual da mulher com o assassinato ao que, segundo este, elas obtêm satisfação de “uma grotesca e sádica paródia de intimidade e amor, como administrar remédio envenenado a um paciente sob os seus cuidados, por exemplo, ou sufocar uma criança adormecida” (SCHECHTER, 2019, p. 45). Ao que, assassinas que optem por um meio mais

“agressivo” de assassinato são raridade, como o caso de Brenda Ann Spencer, personagem a ser apresentada em um dos episódios do podcast, Coisa de Garota.

Conforme diz Nobre (2002), em sua visão sobre “Mulheres que matam: um imaginário do crime no feminino” de Oliveira (2001):

A violência exercida pela mulher se expressa como uma forma de linguagem, ocupando o lugar de um discurso não pronunciado, que irrompe quando se dá a completa ausência ou interrupção do diálogo. O crime é assim, significação, de dores contidas, modos de existência reprimidos, em que a fala não teve lugar. Como não está dado à mulher cometer crimes, pelo viés do que é instituído socialmente, o crime se inscreve na história pessoal e social como força instituinte, que cria uma nova forma nas relações sociais e rompe com o que está posto como verdade naturalizada. (NOBRE, 2002; p.134)

A partir dessas questões, iremos na sequência relatar a construção do “Coisas de Garota”, um produto do gênero true crime desenvolvido em meio digital. Uma vez, por meio de ferramentas digitais, podemos introduzir um produto que poderá ser acessado em qualquer lugar por qualquer pessoa e pela maioria dos dispositivos móveis. Além de não ter custos para aqueles que o acessarão, tendo em vista que, ao idealizarmos, priorizamos criar um protótipo em que fosse possível não cobrar pelo ingresso na nossa plataforma, nem que fosse necessário fazer nenhum tipo de cadastro ou login.

3. COISA DE GAROTA

Como consumidoras de conteúdos de “true crime” percebemos que a maioria do conteúdo se baseia em história com "protagonismo" masculino. As histórias mais populares de crimes reais são de homens. Então, pensamos em produzir conteúdos relacionados a crimes reais, mas que fossem cometidos por mulheres, para nos diferenciarmos dos demais podcasts já existentes, além ressaltar que as mulheres não são apenas as vítimas, mas que elas podem ser as assassinas também. Com isso, realizamos um moodboard, como um quadro de referências deste tipo de conteúdo, seja em livros, filmes, vídeos e podcasts.

Figura 1 - Moodboard “Coisa de Garota”



Fonte: as autoras

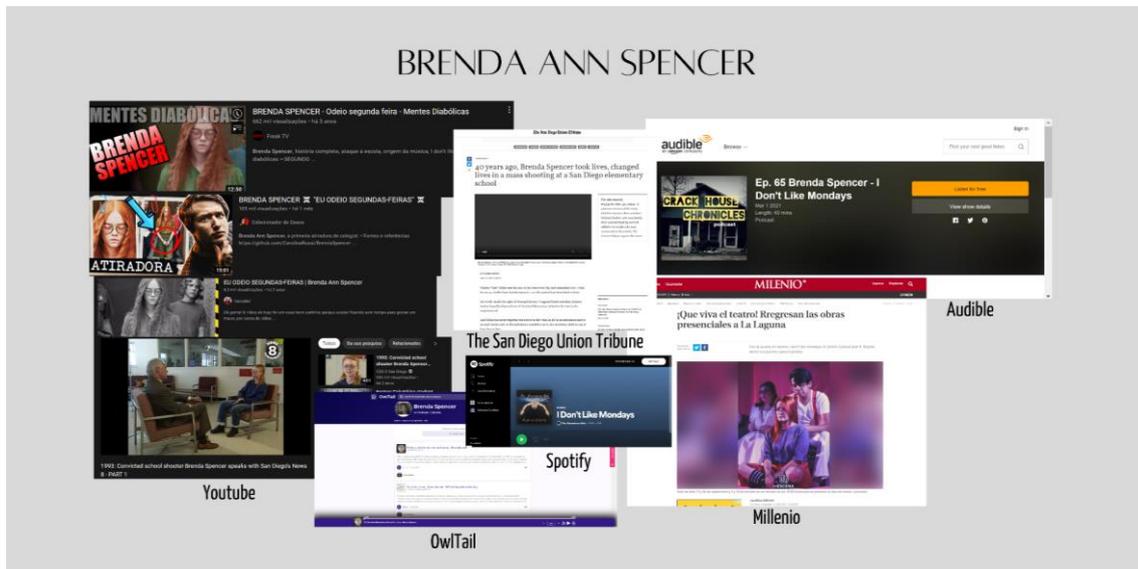
Livros, documentários, filmes e séries são os tipos de conteúdos que mais se destacam por abordarem produções do gênero true crime. Seguidos por vídeos do Youtube e podcasts que estão se tornando preferência dos consumidores do gênero, por suas facilidades de acesso.

Na imagem, é possível notar nomes de “protagonistas” femininas de histórias de crimes que separamos nesse primeiro momento. No total, foram doze casos que pensamos em utilizar para criar algum conteúdo.

Todas essas mulheres cometeram crimes violentos. Se analisarmos cada caso perceberemos que antes de terem cometido tais crimes, a maioria delas cresceram em ambientes familiares que não possuíam afeto. Não possuíam apoio emocional e, em alguns casos, financeiro, para poder tentar mudar de vida. São histórias que, de uma forma, parecem se repetir, mas que ao mesmo tempo são únicas por terem desfechos trágicos.

A verdade, é que hoje temos muito mais acesso a informações e meios de ajuda que podem mudar o destino de diversas outras histórias. Se apresentassem a história de cada uma dessas mulheres, poderíamos elencar momentos pontuais em que a história deixasse de ser uma tragédia. No entanto, ao analisarmos mais uma vez a questão do tempo que tínhamos para executar o nosso trabalho, resolvemos escolher dois casos. O primeiro escolhido foi o caso de Brenda Ann Spencer e foi reunido parte de conteúdos já existentes (incluindo: vídeos, músicas, filmes, documentários, podcast) que abordassem o caso em um moodboard.

Figura 2 - Moodboard Brenda Ann Spencer



Fonte: as autoras

O outro caso escolhido foi o de Elizabeth Báthory, em que também foram pesquisados e reunidos conteúdos já existentes.

Figura 3 - Moodboard Elizabeth Báthory



Fonte: as autoras

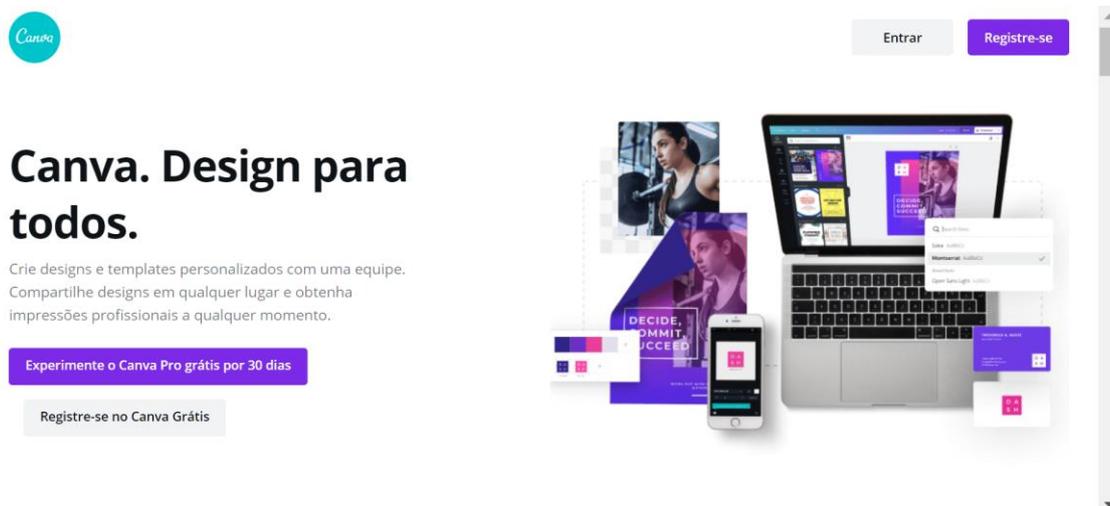
Queremos ressaltar que ao disseminar histórias de crimes reais não queremos adorar criminosos nem seus crimes. Tendo conhecimento dos mesmos, podemos fazer com que o desfecho de novas situações semelhantes possa ser diferente.

3.1 Público

Para auxiliar na construção do nosso projeto, criamos personas. Halliday (1996, p.110) expõe “O termo persona para designar a máscara adveio do verbo designativo da função desta abertura: Personare (soar através de)”. Ela ainda explica que é uma forma de persuadir e encorajar aqueles que estão prestes a consumir um objeto ou produto por meio da perspectiva de quem argumenta (Halliday, 1996).

Para isso, fizemos uso da plataforma Canva. Esta plataforma tem como objetivo ser uma plataforma de criação, para profissionais e não profissionais. Pode-se criar logotipos, cartões de visita, apresentações, panfletos e qualquer material gráfico. Seu manuseio é simples, possui ferramentas que podem ser acessadas de forma gratuita e possui uma vasta diversidade de imagens que podem ser utilizadas.

Figura 4 - Canva



Fonte: canva.com

Foram criadas três personas. São elas: Paula da Cunha, Alice Borges de Andrade e Vitória Corrêa da Silva.

Figura 5 - Personas



Fonte: as autoras

Como é possível perceber, as personas possuem uma idade variando de 19 a 32 anos e de diferentes regiões do Brasil. As personas possuem interesse em consumir conteúdos do gênero true crime. Consomem vídeos, séries, filmes, podcasts e livros do gênero. Acreditamos que o nosso site pode proporcionar acesso rápido e fácil para consumir tal conteúdo. Além disso, no caso de Alice, pode usar a plataforma para conseguir maiores informações para criar seu conteúdo.

Ao analisarmos o nosso projeto, percebemos que temos um “concorrente” direto, o “Modus operandi”. Criado em 2020 e apresentado por Carol Moreira e Mabê Bonafé, ele é um podcast, que possui um site que, além de reunir seus podcasts, dispõe de materiais complementares como fotos dos casos, por exemplo. A diferença em comparação com o nosso produto é que este site reúne histórias de crimes reais de forma geral. Ao contrário da nossa plataforma, que reúne histórias específicas sobre casos reais de crimes cometidos por mulheres.

3.2 Genil.ly

Para o nosso projeto, pensamos em criar uma plataforma hipermídia, um produto que pudéssemos englobar histórias das mais desconhecidas até as conhecidas, além do conteúdo já existente das mesmas. Como notícias, pesquisas, documentários, filmes,

livros e outros tipos de conteúdo já existentes que pudessem auxiliar no entendimento do caso, tanto para a curiosidade de quem consumisse o nosso projeto, quanto para se manter mais informado sobre o assunto.

Conforme Goulart e Moreira (2000), em “Hipermissão: problemas atuais, novas tecnologias e sua relação com empresas”:

A Hipermissão pode ser definida, de forma geral, como a união da multimídia com o hipertexto. Hipertexto é um sistema de comunicação no qual diversos elementos de conhecimento podem ser montados de maneiras diferentes, de acordo com as diferentes perspectivas dos usuários do sistema. [...] Então, em hipermissão: textos, imagens e sons tornam-se disponíveis à medida que o usuário percorre as ligações (links) existentes entre eles. (GOULART; MOREIRA. 2000, p.3).

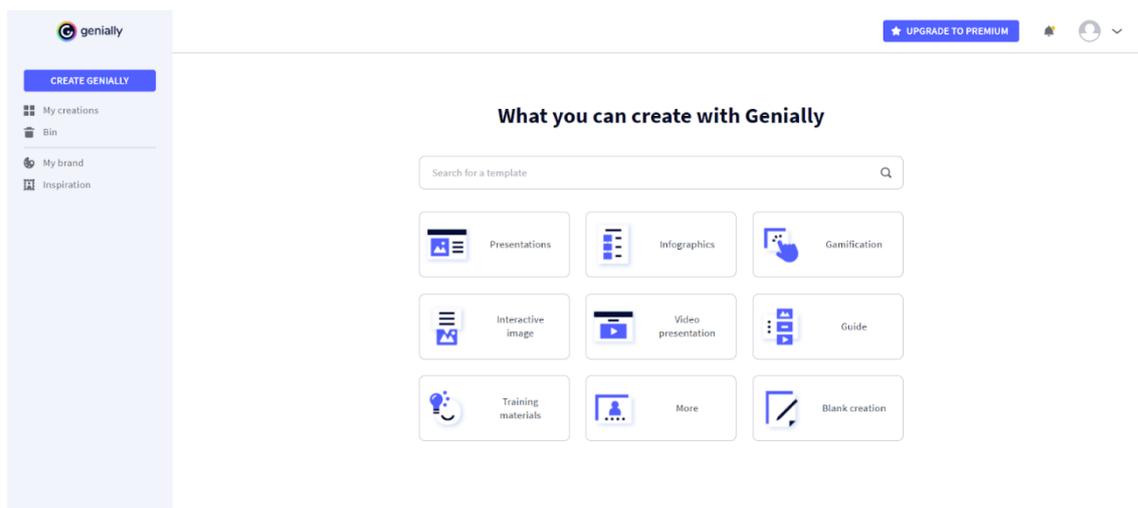
Ademais, de acordo com Torres e Mazzoni (2004), em “Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade”:

Que se entende por conteúdo digital? É a informação apresentada na forma digitalizada, organizada para transmitir conhecimentos, em níveis de profundidade específicos, sobre determinado tema. Os conteúdos digitais produzidos com propósitos educativos, ou informativos, tendem a ser aperfeiçoados em um processo dinâmico relacionado às necessidades dos seus usuários. (TORRES; MAZZONI. 2004, p. 153 - 154.)

Assim, pensamos em criar uma página no Wix, Wordpress, BlogPress e Tumblr (plataforma que poderíamos fazer uso sem ter que pagar uma quantia significativa para colocarmos em prática o nosso projeto). Por último, passamos a conhecer o Genial.ly, que nos deixou entusiasmadas com suas funcionalidades.

O Genial.ly é uma plataforma que permite criar diversos tipos de conteúdo. Entre estes tipos conteúdos estão: apresentações em slides, quiz, imagens interativas, postagens horizontais e verticais, infográficos, gamificação, apresentações em vídeo, materiais de treinamento, microsites e outras formas de criar conteúdo, basta usar a imaginação.

Figura 6 - Genial.ly



Fonte: genial.ly/

Diferente do Tumblr, que era a nossa opção mais viável até o momento, o Genial.ly é bastante interativo e de certa forma divertido de se usar. Poderíamos fazer uso de transições, animações, imagens, ícones e outras funções. Entre o Tumblr e o Genial.ly, com o segundo, poderíamos construir diversas narrativas de forma organizada, prática e que fosse divertida de se consumir.

3.3 Projeto gráfico

Tendo em vista que o nosso foco era produzir um conteúdo acessível e agradável para o nosso público-alvo, fizemos vários experimentos para o projeto gráfico. Durante a nossa pesquisa para selecionar os nossos casos, encontramos alguns sites que abordavam um material semelhante ao que nós desejávamos fazer. No entanto, visualmente, eles não eram agradáveis, eram, em sua maioria, difíceis de ler, uma vez que possuíam uma tipografia e cores que não auxiliavam para a leitura do conteúdo.

Os experimentos que fizemos seguiam a mesma seleção de cores, como vermelho, amarelo, branco e preto, utilizados nestes sites. Mas ao retomarmos a ideia que tínhamos inicialmente em nos diferenciarmos da maioria quanto ao produto de forma geral, decidimos sair um pouco do que era o comum. Então, pensamos em usar preto (#232323) e um tom de marrom claro (#F2CEA2),

Figura 7 - Conjunto de cores no Adobe Color



Fonte: as autoras

Fizemos uso do Adobe Color para testarmos a “compatibilidade” das cores e como elas poderiam funcionar na tela.

Figura 8 - Adobe color, aba "Ferramenta de acessibilidade”



Fonte: as autoras

A cor mais clara escolhida, lembra pastas de documentos bastante utilizados em documentários, filmes e séries criminais. Dessa forma, pensou-se em utilizar esta cor para fazer alusão a essas pastas. E o preto foi escolhido justamente para que fosse usado na parte textual, uma vez que ele poderia auxiliar na leitura.

Nossa decisão em querer nos diferenciar de outros produtos já existentes, se baseia na questão da abordagem das mulheres assassinas. Iremos fazer o recorte de uma parte específica do true crime, e com isso, queremos proporcionar uma maneira diferente de consumir o conteúdo do gênero.

Para a capa, utilizamos uma imagem de um carimbo vermelho, com uma escritura “top secret”, para enfatizar a ideia de que seja uma documentação importante. Que lembrasse essa ideia de ser um documento criminal, de ser uma investigação, de ser algo que é “proibido”, mas acessível. Que instigasse as pessoas a lerem.

Figura 9 - Início “Coisa de garota”



Fonte: as autoras

Como realizamos apenas um piloto dos episódios que inicialmente elencamos como possibilidade de produção, buscamos realizar no nosso produto hipermídia a experiência de consumo mais completa. Com isso, optamos por separar os casos através de “cadeados”. Dessa forma, o nosso caso piloto estaria disponível para consumo, mas os demais estariam indisponíveis, simulando também como a plataforma iria indicar a sua continuidade, preparando o público para a periodicidade de veiculação de novos episódios semanalmente. Fizemos isso usando o elemento de cadeado aberto ou fechado para simbolizar o que estava ou não disponível.

Figura 10 - “Coisa de garota” conteúdo disponível



Fonte: as autoras

É possível perceber que há duas abas, “sobre” e “contato”. Essas abas basicamente apresentam o site como um trabalho de conclusão de curso e indicam um endereço de contato. Também é notável a identificação com “Em breve” para os conteúdos que ainda não estão disponíveis, uma vez que fica melhor esclarecido e diferenciado o que pode ser acessado ou não.

Em um primeiro momento, pensamos em adicionar uma trilha sonora para ser reproduzida enquanto a pessoa acompanhava o caso. No entanto, pensando em uma pessoa com deficiência visual, a música poderia atrapalhar a transcrição do áudio. Dessa forma, optou-se por não fazer uso de música, ou som, e utilizar o texto, em diferentes distribuições na tela, para construir a narrativa.

As tipografias escolhidas para o texto foram as do tipo sem serifas: “Lekton” e “Lato”. “Lato” foi utilizado para a parte de descrever o caso, no tamanho 25, regular. Já nos títulos, foi utilizado o “Lekton”, nos tamanhos 86 e 30 (na capa), 40 (nos títulos durante os textos do caso), negrito.

É notório o uso de ícones ao longo da descrição do caso. Tais são usados para abrir caixas de textos para adicionar alguma informação, passar e voltar páginas ou para fazer hiperlinks para conteúdos complementares e fontes do caso.

3.4 Conteúdos

A plataforma hipermídia consiste em histórias de casos reais cometidos por mulheres. Inicialmente, tais histórias serão abordadas através de um pequeno resumo em texto de cinco páginas em média. Em seguida, ao final da história, serão recomendados links com diferentes direcionamentos (para vídeos da plataforma do Youtube, podcasts das plataformas Audacy e Google Podcast e fontes de informações, como History, The Sun Diego Union Tribune e Mysteries Unsolved) que contribuem para o entendimento de caso. Por conta do tempo que tínhamos, selecionamos apenas duas histórias para apresentar as nossas leitoras.

3.4.1 Caso Brenda Ann Spencer

Brenda Ann Spencer, conforme o documento no Apêndice - A, foi a adolescente responsável por um atentado em 1979 na cidade de San Diego, nos EUA. O conteúdo sobre o caso de Spencer foi criado com base em artigos de notícias do jornal The San Diego Union Tribune, History, podcast de crimes reais e vídeos do Youtube do mesmo gênero.

Segundo uma matéria escrita por Pauline Repard para o jornal “The San Diego Union Tribune” em 2019 sobre os 40 anos do crime, Brenda Ann Spencer, com 16 anos, utilizou o rifle que ganhou de presente de Natal de seu pai para atacar, de sua janela, uma escola primária localizada em frente à sua casa. Ela atingiu 11 pessoas, adultos e crianças, com seus disparos. Quando questionada sobre o motivo do ataque, a adolescente respondeu que não gostava de segundas-feiras, e que fez aquilo para animar seu dia.

Repard (2019), ainda comenta que após os disparos Spencer continuou em casa e que a SWAT negociou por 6 horas com a menina até ela se render. Foram encontrados 200 cartuchos de munição e algumas garrafas de bebidas alcoólicas em sua residência. Brenda foi acusada como adulta e condenada a 25 anos de prisão perpétua.

Quando mais aprofunda-se na história de Spencer, é possível perceber que em certos momentos a menina tentou buscar ajuda, em suas falas e comportamento. Em algumas situações, Brenda foi ridicularizada por agir diferente de seus colegas. Sentindo-se humilhada, deixada de lado e menosprezada, além de não ter nenhum familiar que pudesse lhe dar suporte emocional e físico, a garota não tinha quem pudesse lhe ouvir.

Rodrigues (2012), em seu artigo “O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais”, defende que o grande número de estudante em uma única sala de aula, a pouca quantidade de profissionais em relação aos alunos e a ausência da família são alguns fatores que podem contribuir para que um acontecimento trágico, como o de Spencer, aconteça. Ela ainda diz:

Diante desses problemas, os estudantes ainda reproduzem, na escola, situações geradas por uma sociedade competitiva, materialista e impiedosa em relação aos que não correspondem aos modelos de beleza, consumo e atitudes afinadas à postura cosmopolita. Os apupos não atingem apenas quem apresenta peculiaridades negativas, pois também há aversão por colegas estudiosos e inteligentes, desde que sejam tímidos ou arredios aos grupos mais aguerridos, inquietos e irreverentes. (RODRIGUES, Gilda; 2012, p.11)

Como em muitas outras histórias, a solução de Brenda, para se sentir superior àqueles que a maltratavam foi drástica, uma tragédia. Mesmo depois de 40 anos, com diversos estudos e ações por um ambiente escolar e familiar mais saudável, ainda é um

acontecimento recorrente. No Brasil, um dos mais recentes, foi o ataque em uma Escola de Suzano⁵ em São Paulo no ano de 2019. Na matéria de Vargas para a BBC News, o jornalista inicia abordando que o título do responsável por planejar o ataque é visitado por admiradores. Um ponto que se assemelha a Brenda, uma vez que suas ações inspiram a criação da música “I don’t like Mondays”, da banda irlandesa “The Boomtown Rats.

3.4.2 Caso Elizabeth Báthory

O caso da Condessa da Hungria baseia-se na pesquisa de Bartosiewicz (2018), chamado de “Elizabeth Báthory - a true history”, conforme o Apêndice - C. Báthory ficou conhecida por seus atos de torturas a mulheres jovens. Elizabeth, banhava-se no sangue de moças com o objetivo de retardar seu envelhecimento.

Fazendo parte da realeza, tendo sido comprometida ainda criança e passando por várias situações nada agradáveis, Elizabeth passou a agir de forma violenta ainda muito jovem. Muitos justificam o seu modo de ser a ela ser fruto de um relacionamento entre primos.

Hoje, existem diversos produtos que relacionam a imagem da Báthory com a de um vampiro. E, em muitos até, sua imagem é bastante sexualizada. Infelizmente, durante a nossa pesquisa, percebemos que a imagem da mulher criminosa é sexualizada. Muitos, criam e consomem diversos tipos de conteúdo que tem como objetivo a erotização da mesma.

3.5 Podcasts

Tendo em vista que o “Coisa de garota” foi criado para ser plataforma hipermedia que tem como objetivo reunir casos de crimes reais para desmistificar a figura da mulher como um ser sensível e de vítima, pensamos que o nosso produto poderia ser complementado com a criação de um podcast, já que o gênero de true crime originalmente

⁵ Segundo Vargas (2020) para uma matéria da BBC News, em março de 2019, Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro invadiram a Escola Estadual Raul Brasil. O objetivo era tentar reproduzir o massacre na escola de Columbine ocorrido em 1999, nos EUA. Conforme uma matéria do G1 em 2019, 11 pessoas se feriram e 8 perderam suas vidas. Um dos autores matou o companheiro e, em seguida, suicidou-se.

provém do podcast. Devido ao tempo, não poderíamos executar de fato a gravação, renderização e publicação do podcast, além analisar e procurar por qual plataforma de publicação de áudio seria mais adequada para se fazer uso. Dessa forma, pensamos em criar um roteiro do que seria abordado nos episódios do podcast.

Com a criação de um podcast para cada caso abordado no site, tal conteúdo traria maiores informações sobre cada história, informações que não foram citadas durante a apresentação no site. Acompanhando a periodicidade dos casos do site, o conteúdo do podcast seria disponibilizado semanalmente.

Para o presente trabalho, optamos por desenvolver dois roteiros para demonstrar a forma como gostaríamos de dar forma ao Coisa de Garota. Como base para a escrita do caso Brenda Ann Spencer, foram utilizados artigos referentes aos casos do tiroteio na Columbine, em Realengo e sobre os atos da “personagem”. Desta forma, conforme o Apêndice - B, buscou-se apresentar a história de Spencer através de um paralelo com histórias conhecidas de tiroteios em escolas, os quais foram realizados por indivíduos do gênero masculino.

Da mesma forma, foi utilizado o texto de Aleksandra Bartosiewicz (2018), para basearmos o roteiro do caso de Elizabeth Báthory, conforme o Apêndice - D. Nele, pode-se ler sobre alguns contrapontos e curiosidades feitos pela autora sobre a história de Báthory.

Para a formatação dos roteiros, nos baseamos em exemplos de roteiros tanto de áudio, como de televisão. Devemos frisar que não existe um modelo de como realizar um roteiro de podcast. Portanto, escolhemos adaptar as formas citadas de maneira a achar uma formatação adequada para a nossa proposta. Dito isto, a formatação escolhida utiliza uma tabela de três colunas, na qual cada coluna representa um aspecto da criação de um podcast. Na primeira coluna, da direita para a esquerda, temos a “TEC”, ou seja, a técnica sonora a ser empregada. Já na segunda coluna, temos a “LOC”, que é a abreviação para locução. Nesta coluna, temos o texto a ser recitado pelo locutor que irá gravar o áudio. Por fim, na última coluna, temos o “TEMP”, que refere-se ao tempo que a técnica sonora e a locução serão empregadas durante a gravação do episódio.

Sobre as técnicas sonoras utilizadas na criação do roteiro piloto, foram utilizadas trilhas sonoras, de forma a dar “personalidade” para a peça sonora. As trilhas foram

utilizadas com a função tanto de introduzir o episódio, como de atribuir um “clima” para a locução do roteiro. Ainda, o recurso de efeitos sonoros foi utilizado, pois “fornece informações, pistas, atua como índice do objeto representado a fim de que o ouvinte reconheça e estabeleça associações, que, pelo caráter referencial assumido pelo ruído, dá-se por contigüidade” (SILVA, 1999, p. 75-76).

Por último, inserimos outras duas páginas na nossa plataforma hipermídia entre o final dos dois casos e as recomendações, para situar onde ficará o local em que a nossa consumidora poderá ter acesso ao nosso podcast. Será por meio de um hiperlink com a imagem de um fone de ouvido. Como não pudemos de fato gravar o podcast, não possui acesso. Dessa forma, fizemos uso de uma janela a qual, ao passar o mouse em cima da imagem, mostrará um “em breve”, como forma de avisar a leitora de que ali será adicionado mais um tipo de conteúdo, o podcast. Dessa mesma forma, irá acontecer com o caso de Báthory.

Figura 11 - Exemplo página do podcast Coisa de Garota sobre o caso de Brenda Ann Spencer



Fonte: as autoras

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi a criação de um produto digital de true crime, que fosse para mulheres, de forma “acessível”, inclusive, financeiramente. Dessa forma, sobressaltam-se alguns pontos.

O primeiro deles foi justamente uma certa dificuldade em conseguir informações de casos de mulheres. Não que não exista, mas em comparação aos casos de crimes reais

de homens, a quantidade é menor. Quando algum caso era encontrado, a quantidade de informações era repetitiva, então cabia o desafio de tentar criar um conteúdo diferente e que chamasse a atenção. Por isso, decidimos usufruir das histórias que tínhamos reunido no nosso moodboard e reunir e elencar outros possíveis casos a serem abordados.

A continuidade dos casos da nossa plataforma midiática, daria-se com os casos: “Fera da Penha” e “Nannie Doss”. O primeiro, foi um caso de uma mulher brasileira que, de acordo com o podcast “Café com crime” (2020), em 1960 no Rio de Janeiro, Neide Lopes estava infeliz com o fim de seu recente relacionamento com Antônio Araújo, que era casado. Lopes sequestrou a filha de Araújo, Tânia, na escola e a assassinou por vingança. Conforme Souza (2020) para o History, Neide foi condenada a 33 anos de prisão em 1963. Em 1974, ela foi solta por ter bom comportamento e passou a viver com os pais. Atualmente, ela mora sozinha. Segundo ainda o podcast, há uma teoria de que Neide poderia ter engravidado de Antônio. Ele teria pedido para ela cometer um aborto e, ao ter tido o seu pedido negado, teria a dopado e a levado para realizar um aborto forçado. O que teria feito a moça querer se vingar do homem. Já o segundo caso, conforme o podcast Modus operandi (2021), Nannie cresceu em um lar abusivo em Alabama, nos EUA. Quando adulta, ela teve alguns relacionamentos, os quais terminaram por Nannie assassinar seus companheiros. Em 1955, já no estado de Oklahoma, Doss foi julgada pela morte do seu último marido, Samuel Doss. Ao ser interrogada, ela confessou o crime rindo ao lembrar-se do acontecido e, por isso, foi apelidada de “vovó risonha”. A responsável foi condenada à prisão perpétua, no entanto nunca foi julgada pelos outros assassinatos. Em 1965, Nannie faleceu de leucemia.

É perceptível que até este momento, a maioria dos casos a serem abordados seriam estrangeiros. Isso não significa que o nosso protótipo reuniria apenas casos de fora, gostaríamos de também expor casos brasileiros. Pensamos em explorar os casos de Elise Matsunaga e Suzane Richthofen mas como os dois casos voltaram à tona por terem, respectivamente, uma série e filmes recém lançados, acreditamos que seria melhor tratarmos sobre casos que não estivessem sendo noticiados, ou que não fossem tão conhecidos, para nos diferenciarmos dos demais criadores de conteúdo de true crime. Neste ano no Brasil, crimes cometidos por mulheres foram noticiados, mas as investigações ainda estão em andamento, então preferimos priorizar aqueles que já possuem um desfecho e que tínhamos conhecimento da história. Mas nada impede que ao serem encerrados, tais casos possam ser apresentados na nossa plataforma.

Outro ponto importante a ser ressaltado é a acessibilidade. Infelizmente, não tivemos tempo e recurso o suficiente para que pudéssemos desenvolver um produto totalmente acessível para as pessoas com deficiência visual/auditiva. Dessa forma, poderia-se fazer testes com esse público, uma vez que teríamos a certeza de que eles podem ter acesso a nossa informação e que podem navegar tão facilmente quanto o nosso público-alvo. Além disso, poderiam ser inseridas ferramentas como a narração dos nossos textos e de tradução para libras. No entanto, estes pontos poderiam ser melhor desenvolvidos caso este projeto viesse de fato a se tornar um produto comercializado.

Os materiais extra, em forma de links como indicações de outros produtos de mídia já existentes, por exemplo, filmes e livros, poderiam ser acrescentados à plataforma mediante patrocínio. Isto permitiria certo retorno financeiro e continuidade ao produto, além de servir como divulgação ou direcionamento para compra/consumo de outras produções.

Ao tratarmos sobre histórias de crimes reais, tínhamos o receio de que pudéssemos ser mal interpretadas. Novamente, não criamos uma plataforma digital para exaltar nenhuma pessoa criminoso e seus crimes. O principal objetivo é, justamente, apresentar um lado feminino que não é tão abordado, e, quando abordado, muitas vezes, é sexualizado. A condenação de um crime não deve ser realizada pelo gênero de quem cometeu tal ação e sim na ação em si.

Novamente, como já citado, aproveitando os casos como o de Elize Matsunaga e de Suzane Richthofen que voltaram a ser pautados recentemente na mídia, deveríamos pensar não apenas como suas ações interferiram, principalmente, na vida dos familiares, mas o que as levou a cometerem tais crimes, em questão sociais que auxiliaram a tal desfechos. Se analisarmos de forma geral, as histórias se repetem. São pessoas que sofreram abusos físicos, verbais, psicológicos, que não tinham nenhum tipo de ajuda, que cresceram em lares sem afetos e que, de certa forma, a “solução” encontrada por essas pessoas, infelizmente, foi através do crime.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTOSIEWICZ, Aleksandra. **Elizabeth Báthory - a true history**. REVIEW OF HISTORICAL SCIENCES, 2018, vol. xvii, no. 3. Disponível em: <(PDF) Elizabeth Báthory – a true story (researchgate.net)>. Acesso em: 14 out. 2021.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino da história**. Mato Grosso do Sul: Editora UFGD, 2014.

DE LIMA, Cezar; BERTONI, Felipe Faoro. **Caso Richthofen**. Jusbrasil. 2016. Disponível em <<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/323442322/caso-richthofen>>. Acesso em 16 ago. 2021.

FRUTUOSO, Natália; MARQUES, Eloiza. **Mulheres lideram produção e audiência de podcasts sobre crimes**. Plural Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/mulheres-lideram-producao-e-audiencia-de-podcasts-sobre-crimes/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital**. São Paulo, Novatec Editora, 2010. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Cp2YDQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=o+que+%C3%A9+um+site&ots=eHln8e12uF&sig=4hsvjEwgOTsFawH-HAMQ7dqrADE#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20um%20site&f=false>>. Acesso em: 01 out. 2021.

G1 Mongi das Cruzes e Suzano. **Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida**. G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>>. Acesso em: 17 set. 2021

G1 São Paulo. **Ilustrações mostram o ‘top 10’ do júri que condenou Elize Matsunaga**. G1, 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/ilustracoes-mostram-o-top-10-do-juri-que-condenou-elize-matsunaga.ghtml>>. Acesso em 17 ago. 2021.

G1 RS. **Mãe e companheira são denunciadas por homicídio, tortura e ocultação de cadáver pela morte de Miguel, em Imbé**. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/08/17/mae-e-companheira-sao-denunciadas-por-homicidio-tortura-e-ocultacao-de-cadaver-pela-morte-de-miguel-em-imbe.ghtml>>. Acesso em 17 ago. 2021

Genially - criações digitais. **Genial.ly**. Disponível em<<https://genial.ly/>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

GOULARTE, Rudinei; MOUREIRA, Edson dos Santos. **Hipermídia: problemas atuais, novas tecnologias e sua relação com empresas**. São Carlos, 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/BIBLIOTECA_113_RT_114.pdf>. Acesso 20 ago. 2021.

HALLIDAY, Margarita Danielle. **Vozes do discurso: o conceito de persona em teoria da comunicação**. Comunicação e Sociedade. 1996. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/viewFile/8117/6743>>. Acesso em 17 ago. 2021.

LOUBAK, Ana Letícia. **O que é podcast? Saiba tudo sobre os programas de áudio online**. TechTudo. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/o-que-e-podcast-saiba-tudo-sobre-os-programas-de-audio-online.ghtml>>. Acesso em 13 out 2021.

MOREIRA, Carol; BONAFÉ, Mabê. **Nannie Doss: A vovó assassina**. Modus operandi. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0Do1NVzPjrRDwWqDKnUU1s>>. Acesso em: 27 set 2021.

MORTE, Daniel Callejero. **Fundamentos teóricos del documental televisivo true crime: Análisis de lo que la verdad esconde: El caso Asunta**. Universidad Zaragoza, 2019. Disponível em: <<https://zaguan.unizar.es/record/85386/files/TAZ-TFG-2019-2082.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

NEVES, Carol. **Por que histórias sobre crimes nos atraem tanto?**. Correio, 2019. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/por-que-historias-sobre-crimes-nos-atraem-tanto/>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

NOBRE, Tereza. **Mulheres que matam**. Revista de ciências sociais. V.2, 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9913/1/2002_art_tnobre.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

QUARMBY, Katherine. **A história de mulheres que torturam, agridem e matam**. EL PAÍS Brasil, 2016. Disponível em: <A história de mulheres que torturam, agridem e matam | Ciência | EL PAÍS Brasil (elpais.com)>. Acesso em: 14 out. 2021.

QUEVEDO, Jéssica Veleda. **O monstro que há nela - breve análise biopsicossocial do perfil de assassinas em série do sexo feminino**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS CRIMINAIS, 9., 2018, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-internacional-de-ciencias-criminais/2018#capa>>. Acesso em: 14 out. 2021.

RAMOS, Margarita Danielle. **Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres**. SciELO, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/PSxRMLTBcrfkf3nXtQDp4Kq/?lang=pt>> Acesso em: 17 ago. 2021.

REPARD, Pauline. **40 years ago, Brenda Spencer took lives, changed lives in a mass shooting at a San Diego elementary school. The San Diego Union Tribune**. Disponível em: <<https://www.sandiegouniontribune.com/news/public-safety/sd-me-brenda-spencer-school-shooting-20190129-story.html>>. Acesso em 17 set. 2021

Roda de cores. **Adobe color**. Disponível em: <<https://color.adobe.com/pt/create/color-wheel>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

RODRIGUES, Gilda de Castro. **O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. Ponto e vírgula, 2012.** Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/13877/10204>>. Acesso em 17 set. 2021.

SCHLECHTER, Harold. **Serial killers - anatomia do mal: entre na mente dos psicopatas.** 1 ed. São Paulo: Darkside, 2019.

SOUZA, Alana. **Fera da penha: os horrores do episódio que abalou o Brasil.** History. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-fera-da-penha-o-crime-brutal-que-chocou-o-brasil.phtml>>. Acesso em: 27 set 2021.

SOUZA, Bernardo de Azevedo; SAIBRO, Henrique. **Nannie Doss, a viúva negra.** Jusbrasil. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/339638882/nannie-doss-a-viuvia-negra>>. Acesso em: 13 out 2021.

STANFORD, Jay Allen. **Brenda Spencer was 16.** San Diego Reader, 2005. Disponível em: <<https://www.sandiegoreader.com/news/2005/mar/10/brenda-spencer-was-16/#>>. Acesso em: 17 set. 2021.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel. **Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade.** 2004; Ci. Inf. Brasília. v.33. n.2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ci/a/pjwPPLYPk3YnmQ3zFHz8SFJ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

VARGAS, André. **Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores.** BBC News, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51880555>>. Acesso em: 17 set 2021.

ZOURB, Stefanie. **Fera da Penha.** Café com crime. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1ciVtRwAcYsoWesBnVJan2>>. Acesso em: 27 set 2021.

APÊNDICE A - Texto genial.ly caso Brenda Ann Spencer

“Eu os ataquei porque não gosto das segundas-feiras. Só fiz isso para animar meu dia” - BRENDA ANN SPENCER

Muitos casos de ataques em escolas já foram noticiados pela mídia ao longo dos últimos anos. Em 1979, Brenda Ann Spencer foi a responsável por um tiroteio em massa em uma escola primária em San Diego, nos EUA.

Brenda morava em frente ao local do tiroteio. No dia 29 de Janeiro, a menina se pôs em frente a janela de sua casa, onde tinha a visão da escola. Ali, ela podia ver alguns alunos esperando para adentrar ao espaço. Ela, então, começou a atirar nos estudantes enquanto gargalhava. Aos 16 anos, Spencer matou 2 pessoas e deixou diversos feridos.

A notícia se espalhou rapidamente pela cidade. Um jornalista decidiu tentar entrar em contato com a atiradora utilizando a lista telefônica. Depois de algumas tentativas, ele conseguiu. Quando questionada sobre a razão do ataque, Brenda respondeu que odiava as segundas-feiras e que fez aquilo para animar o seu dia.

A adolescente havia ganhado de Natal do seu pai a arma que utilizou para cometer o crime. Ela realizou 39 disparos em 20 minutos, acertando 11 pessoas.

A SWAT negociou com a menina por 6 horas. Após ceder, foram encontrados 200 cartuchos de munição em sua casa e diversas garrafas de bebidas alcoólicas.

Brenda Ann Spencer era uma menina com baixa autoestima. Não gostava de ser ruiva, da cor da sua pele, de usar óculos e de ter sardas. Era solitária. Usava drogas. Sofria abuso sexual de seu pai alcoólatra que a maltratava. Um ano antes foi diagnosticada como suicida por uma instituição para alunos problemáticos. Foi descoberto também que ela possuía uma *lesão no lobo temporal*⁶ após sua prisão. A lesão teria acontecido por um acidente de bicicleta.

A garota foi julgada como uma adulta e condenada a 25 anos de prisão em 1980. Após ser presa, Brenda tentou obter liberdade condicional 4 vezes, mas em nenhum momento lhe foi concedida pois não se demonstrava arrependida de seus atos. Aparentemente, Brenda possui o direito de agendar uma nova audiência para tentar obter liberdade condicional novamente no ano de 2021. Ela está presa na Instituição da Califórnia para Mulheres em Chino.

⁶ Responsável por funções sensoriais e comportamentais. Lesões nesta parte do cérebro podem interferir na cognição auditiva, reconhecimento facial, fluência verbal e interpretação emocional.

APÊNDICE B - Roteiro podcast caso Brenda Ann Spencer

TÍTULO DO PODCAST: Coisa de Garota
EPISÓDIO: Caso de Brenda Ann Spencer, "a garota que odeia as segundas-feiras"
AUTORIA DO ROTEIRO: Luiza Machado Belizario
DIA DE GRAVAÇÃO: ___/___/___
TEMPO TOTAL: 00:00

TEC	LOC
FADE IN: TRILHA DE ABERTURA DO PODCAST	
INTRODUÇÃO + TRILHA CAI PARA BG	Está começando o Coisa de Garota, um podcast no qual eu, Luiza, e a Tati, iremos explorar histórias de "garotas perigosas". Vistas com alguma anormalidade pela sociedade, mulheres assassinas causam espanto e repulsa, mas, também, fascinação. Afinal, se era impossível mulheres matarem, porque isso acontece? Venha compreender a mente de assassinas como Brenda Ann Spencer, uma garota ruiva e boa de pontaria, que causou pânico em San Diego, Califórnia, no ano de 1979.
FADE OUT: TRILHA DE ABERTURA DO PODCAST	
VINHETA + TRILHA MISTERIOSA DE BG	

<p>TÓPICO PRINCIPAL + TRILHA MISTERIOSA DE BG PERMANECE</p>	<p>Episódio 01 - Caso de Brenda Ann Spencer, "a garota que odeia as segundas-feiras".</p> <p>Em 2010 a banda norte-americana Foster The People lançava a música "Pumped Up Kicks". A música alcançou um sucesso incrível, mas nem todos que a escutavam nas rádios se deram conta do teor de sua letra logo de início.</p> <p>A letra da música causou grande revolta em muitos pais e alunos de uma escola cujo nome ficou marcado eternamente na história dos Estados Unidos da América.</p> <p>Isto porque, em 20 de abril de 1999, dois alunos da Columbine High School, Eric Harris de 18 anos e Dylan Klebold de 17 anos, invadiram a escola armados e assassinaram 13 estudantes e feriram outros 20.</p> <p>Antes da polícia intervir, os dois jovens cometeram suicídio. Anos após o massacre ainda surgem especulações sobre os dois jovens. Qual a motivação por trás do ataque a Columbine?</p> <p>A hipótese mais cogitada na época do crime era a de que dois jovens excluídos e com tendências à violência escolheram a dedo suas vítimas.</p> <p>De fato, a maioria das vítimas feitas por Harris e Klebold eram atletas, minorias e cristãos.</p> <p>No entanto, após diversas investigações, foi constatado que as vítimas foram escolhidas</p>
---	---

<p>TÓPICO SECUNDÁRIO</p>	<p>de forma aleatória e que a verdadeira intenção dos atirados era explodir a escola, mas isto não se concretizou devido a falhas que ocorreram nos explosivos implantados na escola.</p> <p>Enfim, ainda houveram outras especulações sobre as razões dos atiradores, dentre elas a de que os jovens faziam parte de um grupo chamado Trenchcoat Máfia, que venerava a cultura Gótica.</p> <p>Ainda, a de que o atentado foi uma retaliação pelos anos de bullying sofridos e, por fim, a hipótese que mais fascinou a mídia era a de que os jogos de videogame violentos e músicas com letras controversas, como as de Marilyn Manson (um cantor polêmico, atualmente sendo processado por estupro e outras agressões contra ex companheiras), teriam sido a motivação por trás da decisão dos garotos de realizar o atentado.</p> <p>Entretanto, nenhuma das hipóteses foi confirmada e até hoje não se sabe a real motivação por trás do atentado à Columbine High School.</p> <p>Ataques há escolas, sem dúvidas, são um dos piores pesadelos da sociedade moderna.</p> <p>No entanto, estes casos não são tão incomuns como gostaríamos que fossem.</p> <p>No Brasil, tivemos casos como o massacre que ocorreu em Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro, em 2011.</p>
--------------------------	--

<p>TÓPICO DETALHAMENTO</p> <p>Som de sinal de alarme tocando</p>	<p>Na ocasião, um ex-aluno da Escola Municipal Tasso de Silveira disparou contra alunos entre os 13 e 15 anos.</p> <p>Na época, lembro de estar assistindo televisão com os meus avós. Foi uma das coisas mais apavorantes que assisti.</p> <p>Quando somos jovens, a escola é a nossa segunda casa e ela deveria ser segura, mas, infelizmente, sabemos que a realidade nem sempre reflete os nossos ideais.</p> <p>O massacre na Columbine, sem dúvidas, foi o ataque a escolas mais marcante para a história dos Estados Unidos da América e, digamos, que para o resto do mundo também.</p> <p>No entanto, anos antes de Klebold e Harris cometerem seus crimes, houve um outro atentado a uma escola que causou pânico na terra do tio Sam.</p> <p>Mais especificamente, há cerca de 40 anos, em 29 de janeiro de 1979. Ocorreu em San Diego, na Escola Elementar de Cleveland.</p> <p>Certamente, não foi o primeiro ataque a escolas da história mundial, mas não é por isso que ele é tão marcante, apesar de pouco conhecido.</p> <p>Foi em uma segunda-feira, o dia mais odiado para qualquer estudante.</p> <p>Bom, talvez não para todos, mas para os estudantes da Escola Elementar de Cleveland, às</p>
--	---

<p>Som de tiros disparando</p> <p>Som de um tiro + homem gemendo de dor</p> <p>Som de um tiro + homem gemendo de dor</p> <p>Som de tiros consecutivos + crianças gritando de pavor</p>	<p>segundas-feiras nunca mais foram "normais".</p> <p>Pois, logo após os portões da escola se abrirem naquela segunda-feira fatídica e os alunos se encaminharem para dentro da escola, tiros começaram a ser disparados, vindos do outro lado da rua.</p> <p>O diretor, Burton Wragg, foi baleado e morto enquanto tentava levar as crianças para dentro dos portões.</p> <p>Outro homem, o zelador da escola, Mike Suchar, também foi baleado e morreu tentando levar uma das crianças a um lugar seguro. Apesar de vários tiros terem sido disparados contra a escola, nenhuma criança foi morta, mas oito foram feridas, assim como um policial que havia atendido o chamado.</p> <p>Após as duas baixas e ferimentos causados, o atirador disparou mais trinta cartuchos de rifle contra as crianças, no intuito de causar pânico nestas.</p> <p>Esta é a história do que aconteceu na Escola Elementar de Cleveland, mas, o que estava acontecendo do outro lado da rua?</p> <p>Cabelos ruivos como os da pequena sereia, pele branca como a da branca de neve e uma história que poderia facilmente ser a de qualquer vilão.</p> <p>Esta é a descrição que me vem à mente, quando falamos de Brenda Ann Spencer.</p>
--	---

<p>Som de crianças</p>	<p>Uma jovem de 16 anos, desajustada na escola, com pais abusivos e desinteressados, uma história comum para muitos assassinos. No entanto, algo que não é tão comum no universo dos crimes é uma jovem garota cometer um atentado contra uma escola. Até hoje, Brenda Ann Spencer foi a única mulher a cometer este tipo de crime.</p> <p>Sendo assim, por que, diferentemente de outras mulheres, Brenda escolheu atacar a sua escola e não seus pais, ou futuro marido?</p> <p>E, por que, ela teria escolhido um método incomum para assassinas?</p> <p>Afinal, quantas mulheres são noticiadas ao cometerem crimes com armas de fogo?</p> <p>São estas e mais outras questões que convidamos você, ouvinte do Coisa de Garota, a explorar conosco.</p> <p>Contudo, antes de tirarmos conclusões precipitadas, devemos explorar o passado de Brenda Ann Spencer.</p> <p>Afinal, a história começou antes do atentado à Escola Elementar de Cleveland quando uma garota ruiva nasceu em 3 de abril de 1962, em San Diego, na Califórnia.</p> <p>A mãe de Brenda Ann Spencer, ao que se sabe, não tinha muito interesse na garota e, após a separação, a deixou morando com o pai, Wallace Spencer.</p>
------------------------	---

gargalhando	<p>Ela e o pai moravam na casa em frente à Escola Elementar de Cleveland, como já dito, no bairro San Carlos.</p> <p>Segundo a própria Brenda Ann Spencer, ela desenvolveu um enorme desgosto pela tonalidade de seu cabelo e a cor alva de sua pele.</p> <p>A jovem sofria bullying por causa de suas características um tanto incomuns entre os outros alunos.</p> <p>Um de seus colegas de classe a teria descrito como tendo "uma aparência muito ruim".</p> <p>Sabemos que o bullying é um fator comum entre as histórias de atiradores em escolas, mas Brenda também não tinha uma vida fácil entre as paredes de sua casa.</p> <p>Seu pai era alcoólatra e a garota desenvolveu um comportamento problemático, muito provavelmente por conta da negligência parental.</p> <p>Os professores a descreviam como introvertida e há relatos de vizinhos que a teriam visto incendiando a cauda de cães e gatos.</p> <p>Um dia, enquanto realizava testes na escola, foi descoberto um ferimento no lobo temporal de Brenda, o qual foi atribuído a um acidente de bicicleta.</p> <p>Ao que se sabe, ela e o pai passavam dificuldades financeiras.</p>
-------------	---

<p>Som de tiros + vidros quebrando</p>	<p>Em 1978, Brenda Ann Spencer foi encaminhada a uma instituição para alunos problemáticos por conta da evasão escolar, a qual informou aos pais da garota que esta apresentava tendência suicida.</p> <p>O pai de Brenda teria ignorado o alerta por parte da instituição.</p> <p>No verão daquele ano, a garota foi presa por atirar contra os vidros da Escola Elementar de Cleveland com uma arma BB e por roubo.</p> <p>Em dezembro, após uma avaliação psiquiátrica solicitada pelo oficial de condicional de Brenda, este recomendou a internação da garota em um hospital psiquiátrico por conta de seu quadro de depressão, mas novamente, seu pai ignorou o alerta recebido.</p> <p>Mais tarde, a própria Brenda compartilhou com a mídia sobre o presente de Natal inesperado que recebeu do pai naquele ano.</p> <p>A garota havia pedido um rádio, até então, um presente comum para qualquer adolescente da época.</p> <p>No entanto, o pai de Brenda decidiu a presentear com um rifle, o qual a garota utilizou no atentado à escola.</p> <p>Quando foi perguntada sobre a motivação do pai com o presente, ela respondeu: "Eu senti que ele queria que eu me matasse". Como já dito, Brenda era excluída da escola e acabou encontrando um passatempo para afastar o sentimento de solidão no rifle</p>
--	--

Som de tiros
Som de móveis sendo
movidos

que foi presenteado pelo pai. Então, a garota começou a treinar tiro ao alvo. Quase todos dias, Brenda treinava sua habilidade com o rifle, até chegar o fatídico dia.

Em uma das piores segundas-feiras da história dos Estados Unidos da América, Brenda Ann Spencer aguardava o horário de entrada dos alunos olhando através da janela de sua casa, que ficava de frente para a escola. O que aconteceu na escola vocês já sabem, mas, e o que acontecia do outro lado? Cercada por diversas garrafas vazias de cerveja e uísque, mas sem sinais aparentes de embriaguez, estava Brenda. Empunhando o rifle que recebeu de presente, ela iniciou o ataque. Após cessar os tiros, barricou sua casa e aguardou por cerca de sete horas. Enquanto esperava, ela teve uma conversa com um jornalista que viria a ser lembrada mais tarde pela música da banda de Bob Geldof, Boomtown Rats. O jornalista teria questionado a motivação do ataque, ao que Brenda respondeu: "Eu não gosto de segundas-feiras. Isso anima o dia... Não houve motivo e foi só como uma grande diversão... Como atirar nos patos em um lago... Pareciam um rebanho de vacas andando por lá... foi fácil acertá-las". Ainda, ela teria falado com negociadores da polícia dizendo que atirou em alvos fáceis e que iria sair atirando de sua casa, o que contradiz com uma alegação posterior de que ela não possuía a intenção de matar ninguém naquele dia. No entanto, nós já sabemos o que realmente aconteceu do outro lado da rua.

Após ser presa, Brenda Ann Spencer foi julgada como adulta e se declarou culpada das duas acusações de assassinato e de tentativa de assassinato com arma letal. Ela foi condenada a 25 anos de prisão, com possibilidade de perpétua. Já na prisão, ela foi diagnosticada com epilepsia e depressão, recebendo tratamento na California Institution for Women em Chino, Califórnia, na qual permanece até os dias atuais.

Como acordado em tribunal, a partir de 1993 Brenda se tornou elegível para a liberdade condicional. No entanto, ela não obteve sucesso em nenhuma de suas tentativas. Muito provável de que um dos motivos que dificultem seus pedidos, além de ser difícil alguém que cometeu assassinato receber este tipo de concessão, é a incoerência nas informações apresentadas em cada audiência. Em uma das audiências sobre a liberdade condicional, Brenda alegou que os testes que mostraram a ausência de álcool e drogas no seu sistema no momento de sua prisão haviam sido forjados. Em uma audiência de 2001, Brenda Ann Spencer acusou o pai de diversos espancamentos, abusos sexuais e embriaguez forçada. O conselho de liberdade condicional desconfiou de suas alegações, questionando porque ela não teria informado nenhum funcionário da prisão antes.

A descrença em denúncias de violência sexual por parte de mulheres é um problema social perpetrado ao longo de anos, que hoje em dia é questão de diversos debates sobre sexismo. Assim

como no caso de Brenda, como seria certo lidar com este tipo de acusação? Na maioria das vezes, as provas são escassas, tanto por a vítima demorar a reagir e denunciar o agressor (o que, normalmente, não acontece), quanto por o agressor ter certo prestígio na sociedade e sua palavra valer mais que a da mulher agredida.

Em 2009, o conselho de liberdade condicional decidiu que Brenda não teria direito a uma audiência pelos próximos 10 anos. Atualmente, ela está com 56 anos e permanece na California Institution for Women. Ao que se sabe, este ano, 2021, ela se encontra elegível para outra audiência de liberdade condicional. Dificilmente ela irá conseguir, pois, apesar de seu crime ser invisibilizado em consideração aos outros atentados a escolas, todos realizados por homens, seus atos foram inegavelmente dignos de sua punição. Ao que a co-editora e fundadora da Journal of the History of Childhood and Youth e professora associada de história da Universidade de Massachusetts Amherst, argumentou que a sociedade deveria aprender com casos de ataques realizados por mulheres, ao contrário de os esconder sob um véu de invisibilidade.

FADE OUT: TRILHA MISTERIOSA DE BG PAPO "CABEÇA" + CONVIDADO	
---	--

APÊNDICE C - Caso Elizabeth Báthory

Modos de torturas eram regularmente usados em diversas sociedades antigamente. Em 1585, no castelo de Sárvár, torturas eram realizadas por Elizabeth Báthory, também conhecida como Condessa da Hungria. Moças eram esfaqueadas debaixo das unhas, tinham seus cabelos cortados, eram açoitadas com urtigas, molhadas e deixadas no frio. O motivo? Os gritos de suas servas aliviavam a sua enxaqueca.

Báthory era de uma família influente. A condessa tinha amizades, que para sua "classe", não eram nada agradáveis. Acredita-se que Anna Darvulia, considerada uma bruxa, influenciou Báthory a fazer de suas torturas mais cruéis. Após a morte de seu marido, a condessa passou a temer envelhecer.

Dessa forma, Elizabeth passou a banhar-se com o sangue de moças. A condessa justificava a morte das jovens à cólera. No entanto, chegou um momento em que a mesma não se preocupava mais em não tentar ser descoberta. Relata-se que neste momento ela já tinha perdido a sua sanidade.

Sofria de epilepsia. Era fruto de uma união endogâmica. Na infância, testemunhou a execução pública de um cigano. Teria sido forçada a doar uma filha não legítima. Seu marido era violento. Era mestra em preparo de remédios e poções

Em 1610, a pedido do rei, um juiz foi elencado para investigar tais mortes. Quando a Condessa da Hungria foi descoberta, foi-lhe tomada sua fortuna e condenada a ficar presa em seu castelo até sua morte.

APÊNDICE D - Roteiro podcast caso Elizabeth Báthory

TÍTULO DO PODCAST: Coisa de Garota
EPISÓDIO: Caso de Elizabeth Báthory, "A Condessa Sangrenta"
AUTORIA DO ROTEIRO: Luiza Machado Belizario
DIA DE GRAVAÇÃO: ___/___/___
TEMPO TOTAL: 00:00

TEC	LOC
FADE IN: TRILHA DE ABERTURA DO PODCAST	
INTRODUÇÃO + TRILHA CAI PARA BG	Está começando o Coisa de Garota, um podcast para você "matar" a sua curiosidade sobre criminalidade e feminismo. Trocadilhos à parte, no presente episódio iremos abordar a história de uma "vampira" que, diga-se de passagem, tomou mais vidas que o próprio Drácula, a "Condessa Sangrenta", Elizabeth Báthory. Eu sou Luiza e essa é a Tatiana. Sintam-se à vontade e nos acompanhem em mais um episódio do nosso podcast.
TATIANA CUMPRIMENTA	
FADE OUT: TRILHA DE ABERTURA DO PODCAST	
VINHETA + TRILHA MISTERIOSA DE BG	
TÓPICO PRINCIPAL + TRILHA MISTERIOSA DE BG PERMANECE	Episódio 02 - Caso de Elizabeth Báthory, "a Condessa Sangrenta"

TÓPICO SECUNDÁRIO

Em 7 de agosto de 1560 na cidade de Nyírbátor, Hungria, nascia Elizabeth Báthory em uma das famílias mais ricas da Europa Central.

Segundo registros em pintura, Elizabeth possuía uma pele branca, como porcelana, e cabelos escuros.

Elizabeth teve direito a melhor educação que se podia "comprar" na época.

De fato, sabe-se que ela possuía um vasto conhecimento linguístico de húngaro, eslovaco, grego, latim e alemão.

No entanto, como nem tudo são flores, a infância da jovem não foi tão exemplar assim.

Segundo a pesquisadora Phd Aleksandra Bartosiewicz, Elizabeth sofria de episódios de epilepsia, mudanças de humor, bem como enxaquecas violentas, entre os quatro e cinco anos de idade.

Filha dos primos György e Anna Báthory, Elizabeth era uma das várias crianças européias da época descendentes de uma união endogâmica.

Alguns dizem que este fato, talvez, seja um fator que tenha levado a condessa à "loucura".

De fato, sabe-se que outras figuras históricas frutos de relações entre parentes próximos tiveram problemas psicológicos, como um exemplo próximo da condessa temos o próprio tio de

<p>Som de bebê chorando</p> <p>Som de homem gritando de dor</p>	<p>Em 1570, a jovem Elizabeth de apenas dez anos teve sua mão prometida a um rapaz cinco anos mais velho, Ferenc Nádasdy.</p> <p>O casamento aconteceu três anos depois.</p> <p>De acordo com as leis e costumes da época, Elizabeth foi enviada para fazer parte da corte de sua sogra e aprender a cuidar de sua futura residência.</p> <p>Um ano após o casamento, dizem que a jovem teria dado à luz a uma menina, filha de um camponês local, de nome László Bende.</p> <p>Este acabou sendo preso sob acusação de estupro e dizem que Ferenc teria ordenado o castramento dele.</p> <p>A criança teria sido dada a uma mulher, após seu parto secreto, e mandada para fora da Transilvânia e não poderia retornar durante a vida de Elizabeth.</p> <p>No dia 8 de maio, de 1575, ocorreu uma grande cerimônia de união entre Elizabeth e Ferenc, no castelo de Vranov nad Topl'ou.</p> <p>Como presente de casamento, Nádasdy deu a sua esposa o castelo de Cächtice, assim, firmando a união entre as famílias mais ricas e influentes da Hungria.</p> <p>No entanto, ao contrário dos Báthory, conhecidos pelos problemas mentais, a família Nádasdy era considerada respeitável, conservadora e piedosa.</p>
---	---

Após o casamento, os agora marido e esposa se mudaram para o castelo de Sárvár, nos domínios dos Nadásdy.

Durante o período de sua união com Elizabeth, Ferenc passou a maior parte do tempo entre guerras.

Após os primeiros três anos da cerimônia de casamento, ele foi lutar contra os turcos.

Na mesma época, Elizabeth viajava entre as propriedades do casal para inspecioná-las, bem como aos seus servos.

Em 1591 começava o período chamado de "longa guerra", o qual rendeu a Ferenc o título de "Cavaleiro Preto" por sua bravura e a impetuosidade durante as batalhas.

É dito que, após retornar para seus domínios, ele teria mantido o temperamento cruel e teria incentivado Elizabeth ao gosto pela tortura como punição aos servos.

Um truque que teria ensinado a esposa se chamava "chutando as estrelas" e consistia em colocar papel encharcado de óleo entre os dedos do servo desobediente e atear fogo.

Ele também teria presenteado Elizabeth com um par de luvas com garras para que ela usasse nas punições.

Enquanto Ferenc passava seus dias entre batalhas, Elizabeth passava os seus acompanhada de seus casos amorosos.

<p>Som de borbulhar</p> <p>Gritos de mulheres desesperadas</p>	<p>Durante a visita a parentes, ela teria se hospedado com sua tia Clara em Viena, a qual apresentou Elizabeth às orgias lésbicas.</p> <p>Um servo desta tia, Thorko, ainda, teria iniciado a condessa na prática de magia negra.</p> <p>Na ausência do marido, Elizabeth teria se encontrado com bruxas, alquimistas, feiticeiras e videntes.</p> <p>Os camponeses teriam avistado a condessa na companhia de um homem trajado em roupas pretas e com dentes afiados e, assim, deram o apelido de "Besta de Csejte" para Elizabeth.</p> <p>Após um tempo, a condessa teria se tornado mestre na arte de preparar remédios e poções.</p> <p>Em uma carta, ela teria descrito ao marido como lançar feitiços, compartilhando com ele seus conhecimentos do oculto.</p> <p>As torturas de Elizabeth se iniciaram em torno de 1585, no castelo de Sárvár.</p> <p>Os gritos das servas torturadas supostamente teriam a capacidade de aliviar a enxaqueca incômoda da condessa.</p> <p>Um pequeno erro já se tornava uma desculpa para uma punição.</p> <p>Assim, Elizabeth começou a esfaquear as moças embaixo das unhas, cortar seus dedos, molhá-las e soltar no frio, açoitadas com urtigas.</p>
--	---

<p>Som de gritos ferozes + pano sendo rasgado</p>	<p>Com o tempo, as torturas foram se tornando cada vez mais cruéis.</p> <p>Em 1601, Anna Darvulia, uma bruxa conhecida pelos camponeses locais como "uma besta selvagem em corpo de mulher", se tornou a acompanhante da condessa durante as torturas.</p> <p>Quando a mulher se mudou para o castelo, os servos da condessa relataram que esta teria se tornado "mais cruel".</p> <p>Teria sido Darvulia que ensinaria Elizabeth a matar e associar as mortes à epidemia de cólera que estava levando muitas vidas na época.</p> <p>Com o tempo, os clérigos chamados para realizar as cerimônias de vários servos que teriam falecido de cólera ou "causas desconhecidas", começaram a suspeitar.</p> <p>Em 1602, o padre e estudioso István Magyari pediu a exumação pública dos corpos.</p> <p>Ele teria pedido a Ferenc que parasse a esposa de cometer seus atos cruéis.</p> <p>Um tempo depois, Ferenc veio a perecer.</p> <p>Existe a hipótese de que Elizabeth tenha facilitado sua passagem.</p> <p>Após a morte do marido, a condessa teria atingido um ápice de inumanidade, atacando suas vítimas com os dentes e rasgando suas gargantas, bochechas e braços.</p>
---	---

	<p>Porém, agora, a sede de seus ataques seria o castelo que o marido havia lhe dado, Cachtice.</p>
Mulher chorando	<p>Ela mantinha por perto algumas servas leais a si, como a própria Darvulia, sua enfermeira particular Ilana Jó, uma bruxa, Dorottya Széntes, a lavadora de roupas, Katalin Benická e uma bruxa local de nome Busorka de Myjava.</p> <p>Com o passar do tempo, a condessa adquiriu um certo "medo" do envelhecimento.</p>
Mulher gritando + som de briga + mulher gritando de dor	<p>Com a morte do marido, agora ela se encontrava como uma viúva de 40 anos e estava determinada a não envelhecer.</p>
	<p>Há um rumor de que, certo dia, uma serva descontentou a condessa com um penteado mal feito.</p>
Som de água se movendo em uma banheira	<p>Cheia de raiva, Elizabeth massacrou a garota.</p>
	<p>Quando foi limpar o sangue em sua face, notou que a pele estava mais viçosa e firme no local.</p>
	<p>Assim, a condessa adquiriu o gosto por banhar-se com o sangue de jovens moças.</p>
	<p>Entre seus assassinatos constantes, a condessa fazia inúmeras viagens, no intuito de afastar suspeitas sobre si.</p>
	<p>No entanto, certo dia, a condessa constatou que o sangue de relés camponesas não fazia o efeito de que precisava, então esta começou a visar jovens nobres de famílias mais pobres.</p>

<p>Mulher rindo loucamente</p>	<p>A condessa decidiu criar uma academia, <i>Gynaecaeum</i>, para atrair as moças.</p> <p>No entanto, já eram tantas mortes, que o álibi da cólera não mais funcionava.</p> <p>Chegou a um ponto que nem a própria Elizabeth se importava em criar álibis para os seus assassinatos.</p> <p>É dito que, neste ponto, a condessa estava insana.</p> <p>Na primavera de 1610, o rei solicitou que o juiz mais bem conceituado do parlamento da Hungria investigasse as mortes suspeitas.</p> <p>Através de testemunhas, o homem descobriu as coisas horríveis que a condessa fazia.</p> <p>Ela, no que lhe concerne, não negou ter cometido os assassinatos.</p>
<p>Som de fogo queimando</p>	<p>Assim, foi-lhe confiscada a fortuna e esta deveria ser presa em seu castelo até o fim de seus dias.</p>
<p>Som de risada maligna</p>	<p>Isolada em uma torre, após três anos de sua prisão, a condessa pereceu.</p>
<p>FADE OUT: TRILHA MISTERIOSA DE BG</p> <p>PAPO "CABEÇA" + CONVIDADO</p>	<p>É dito que o estado do corpo dela estava horrível, então a levaram para ser cremada na catedral.</p> <p>No entanto, há boatos que seu corpo nunca foi visto novamente, levando a crer que, talvez, a condessa tenha escapado e ainda esteja por aí.</p>